

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

UMA LONGA VIAGEM AO BRASIL: LILIA SCHWARCZ UMA INTÉRPRETE DA NAÇÃO

Hilton Costa
Doutor em História
Universidade Estadual de Maringá
hcosta@uem.br

O Brasil no transcorrer do século XIX e do século XX seja pelo trabalho de intelectuais, seja pelo trabalho de artistas e de políticos procurou desvelar e ou construir a sua essência. A sociedade brasileira queria como proposto pelo romantismo alemão encontrar e ou elaborar o seu Povo no sentido de encontrar sua alma, a referida essência. Perscrutar a produção acerca da busca e ou produção do Povo do Brasil pode ser tomada como uma longa viagem. A palavra viagem indica movimento. Movimento no espaço, movimento no tempo ou em ambos. A teoria da relatividade, inclusive, permite perceber tempo e espaço entrecruzados. Viajar pelo tempo e pelo espaço das produções sobre o Povo, acerca do espírito do Brasil é uma ação instigante. Em se levando em conta que as sociedades se constroem, em grande medida, sobre aquilo que elas são, mas, sobretudo, sobre aquilo que elas gostariam de ser, todo o trajeto pelo tempo e espaço das produções sobre o Brasil é repleto de efeitos de teoria. Algo que não invalida percurso, somente o faz ser mais complexo. Uma longa viagem ao Brasil: Lilia Schwarcz uma intérprete da nação, trabalho que aqui se apresenta dialoga com as possibilidades citadas, pois a partir da obras *Retrato em Branco e Negro*, *O espetáculo das raças*, *As barbas do Imperador*, *Brasil, uma biografia*, *Sobre o autoritarismo brasileiro* faz-se uma incursão sobre a trajetória do Brasil segundo a interpretação da autora.

O objetivo do trabalho é discutir como Schwarcz no conjunto da sua obra oferece uma interpretação do Brasil reveladora de uma linha de coerência bastante forte na trajetória da sociedade brasileira. Para cumprir este objetivo dois movimentos foram realizados, o primeiro visou localizar o contexto – tempo e espaço – de produção das obras focadas neste trabalho, o segundo almejou compreender a forma como os argumentos foram construídos. Desta feita, optou-se por uma abordagem metodológica

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

baseada nas considerações de Pierre Bourdieu acerca do contexto de produção do conhecimento, nas observações de John Pocock acerca do vocabulário normativo e nas posições apresentadas por Max Weber, Norbert Elias e Manoel Bomfim acerca de como determinadas disposições são mantidas pelas sociedades ao longo do tempo. O resultado encontrado revela que para autora existe uma longa tradição de mandonismo, de autoritarismo, de rígidas hierarquias sociais, em grande medida, racializadas, na experiência social brasileira, bem como a capacidade destas características se reinventarem constantemente sendo elas parte essencial da visão de mundo vigente no Brasil.

Sobre o ato de interpretar¹

Esta reflexão foi produzida no ano dois do mundo pandêmico e no ano cinco do retorno do obscurantismo, se é que este um dia esteve ausente da sociedade brasileira. No momento da escolha do título do presente texto de imediato uma questão se apresentou como definir intérprete para os fins desta argumentação. De maneira bem mais lenta que o surgimento da indagação emergiu a lembrança de que o óbvio não é óbvio até que alguém demonstre por que algo é óbvio. A recordação desta premissa remeteu a ideia de começar pelo início, ou seja, quais são os significados dicionarizados de interprete, intérprete, interpretar? A consulta ao <https://www.dicio.com.br/> revelou o seguinte

Significado de Interprete

Interprete vem do verbo interpretar. O mesmo que: decifre, traduza, cante, execute, desempenhe, represente. (<https://www.dicio.com.br/interprete-3/>)

Significado de Intérprete

Substantivo masculino e feminino; Tradutor simultâneo; pessoa que traduz oralmente as palavras, frases ou estruturas, de uma língua para outra língua. Pessoa encarregada de declarar, de dar a conhecer as vontades, as intenções de outra: seja meu intérprete junto a seu amigo. [Artes] Pessoa que apresenta

¹ Este texto é uma versão modificada da comunicação Uma longa viagem ao Brasil: Lilia Schwarcz intérprete do Brasil apresentado no **20º Congresso Brasileiro de Sociologia**, 12 a 17 de Julho de 2021, UFPA – Belém, PA. Comitê de Pesquisa: CP20 Pensamento Social

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

uma obra artística; executante, ator, atriz, músico. [Figurado] Tudo o que serve para revelar o que está oculto; indicador: os olhos são os intérpretes do coração. Aquela que faz comentários ou compõe explicações sobre um texto. [Jurídico] Pessoa responsável pela interpretação de algumas leis; hermeneuta. Etimologia (origem da palavra *intérprete*). Do latim *interpretes*. (<https://www.dicio.com.br/interprete/>)

Significado de Interpretar

Verbo transitivo direto Determinar com certeza o sentido de um texto: interpretar a Constituição. Explicar o que é obscuro: interpretar um sonho. Atribuir valor, sentido, significação: interpretar uma lei. Ajuizar bem ou mal da intenção de: interpretar o comportamento de alguém. [Artes] Representar um papel dramático em: interpretar um vilão. [Música] Executar um trecho musical; cantar: interpretar uma canção. [Gramática] Fazer a tradução oral de um idioma para outro. Etimologia (origem da palavra *interpretar*). Do latim *interpretare*. (<https://www.dicio.com.br/interpretar/>)

Com efeito, ao se fazer este movimento localizou-se uma parte dos elementos necessários para estabelecer a forma como se entende a condição de intérprete nesta argumentação. Uma pessoa que traduz algo para outras pessoas, alguém passível de “dar a conhecer as vontades, as intenções” de outras pessoas ou ainda quem possibilita “revelar o que está oculto”. Os significados dicionarizados para *interprete*, *intérprete* e *interpretar* dentro do horizonte do aqui pretendido carece daquilo indicado, por exemplo, por Dennys Silva Reis e Marcos Bagno a condição social da ou do intérprete, bem como do ato de interpretar. Ao discutir esta questão no processo de colonização da América por Portugal afirmam os autores:

Os intérpretes, assim como o ato da interpretação, sempre foram alvo durante todo o período colonial das missões evangelizadoras das mais diversas Igrejas (católicas ou protestantes). O fato dos intérpretes serem os únicos elos entre os povos recém-contactados e os colonizadores, em particular os missionários, inquietava bastante os representantes eclesiais, visto que jamais um não-cristão, segundo eles, poderia transmitir com o mais alto ardor a mensagem evangélica. Daí a necessidade de aprender a língua dos nativos da terra, bem como proporcionar meios para que os demais. (REIS, BAGNO, 2016, p 98)

A desconfiança sobre o ato de interpretar, bem como sobre as pessoas que o praticam é elemento da condição social de quem interpreta. Reis e Bagno indicam esta situação para o período colonização da América por Portugal, mas não parece ser despropositado inferir que em outros períodos e lugares a desconfiança seja algo que pare sobre tanto sobre o ato de interpretar quanto sobre a ou o interprete. Esta

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

desconfiança pode ser problematizada na direção de interpor à definição dicionarizada a contestação de que uma interpretação não é necessariamente o ato de “determinar com certeza o sentido de um texto” ou de uma determinada realidade e ou trajetória. De modo a se tomar o ato de interpretar como uma leitura possível de algo, todavia uma leitura assentada em evidências empíricas consistentes. À maneira como se entende o termo intérprete nesta argumentação é possível acrescentar algumas considerações bourdieusianas postas a inferir que uma interpretação é também uma construção, uma vez que uma interpretação contempla uma análise. (BOURDIEU, 2008).

Uma longa viagem

Lilia Schwarcz até onde se pode verificar não se coloca na condição de interprete do Brasil. Esta condição está sendo aqui atribuída a sua obra. Os seus trabalhos são, em geral, de cunho monográfico. Seus escritos não seriam obras de interpretação do Brasil no sentido de textos como, por exemplo, *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda, *Formação do Brasil contemporâneo*, Caio Prado Jr, *Os donos do Poder*, Raymundo Faoro ou mesmo no sentido de *América Latina: males de origem*, Manoel Bomfim, *Os sertões*, Euclides da Cunha, *Populações Meridionais do Brasil*, Oliveira Vianna. Todavia, a publicação de *Sobre o autoritarismo brasileiro* sugere algo diferente ao conjunto de sua produção, pois esta obra traz todos os elementos de uma interpretação do Brasil. (SCHWARCZ, 2019). A leitura de *Sobre o autoritarismo brasileiro* possibilitou pensar a obra anterior da autora dentro da seguinte chave, se individualmente cada texto não se configuraria em uma interpretação do Brasil, na direção exposta a pouco, quando tomados em conjunto eles dizem o contrário.

Cinco obras

Para verificar a hipótese de que ao se tratar a obra da autora em conjunto emerge uma interpretação do Brasil foram observadas cinco obras produzidas para diferentes fins, em diferentes épocas: *Retrato em Branco e Negro* (1987), *O espetáculo das raças*

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

(1993), *As barbas do Imperador* (1998), *Brasil, uma biografia* (2015), *Sobre o autoritarismo brasileiro* (2019).

Retrato em Branco e Negro (1987), este livro emergiu a partir da dissertação de mestrado em Antropologia Social da autora realizado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), São Paulo. O título da dissertação é *Imagens de negros. A imprensa paulistana em finais do século XIX* e foi orientada por Antonio Augusto Arantes. A dissertação e o consequente livro estão inseridos em um universo maior de pesquisas efetivadas nos anos 1980 importantes no desenvolvimento de um novo rol de possibilidades para os estudos acerca da população negra brasileira.

O espetáculo das raças (1993), elaborado a partir da tese de doutorado de Lilia Schwarcz é um dos livros mais relevantes da autora. A tese de onde surgiu o livro foi realizada na Universidade de São Paulo e recebeu o título de *Homens de ciência e a raça dos homens: cientistas, instituições e teorias raciais no Brasil de finais do século XIX*, defendida em 1993 e teve a orientação de Maria Manuela Ligeti Carneiro da Cunha. *O espetáculo das raças* está inserido, pode-se inferir, no debate ocorrido nos anos 1980 e 1990 acerca da existência de uma originalidade ou não no pensamento brasileiro oitocentista. As discussões em torno da questão se estariam ou não as ideias no lugar foram bastante importantes na investigação do Brasil no período em questão.

As barbas do Imperador (1998), este livro é fruto da tese de livre docência da autora, apresentada no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo com o título de *As barbas do imperador. A construção da imagem pública do monarca d. Pedro II*. A discussão da tese e consequentemente do livro não é necessariamente uma biografia de Pedro II, mas sim a construção ou as construções da imagem pública, das representações sociais, do segundo monarca do Império do Brasil. Ao efetivar este movimento Schwarcz dialoga com correntes muito fortes no Brasil dos anos 1990. Impulsionada, em grande medida, pelas leituras de Roger Chartier, a História das Representações era uma perspectiva muito utilizada direta e ou indiretamente (se dialogou intensamente com ou contra ela na década de 1990 e início dos anos 2000). A análise da concretude das representações sociais, notadamente aquelas vinculadas ao poder monárquico, foram à época, marcadas pelas obras de Ernst Hartwig Kantorowicz,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Os dois corpos do Rei; Marc Bloch, *Os Reis Taumaturgos*; Norbert Elias, *A sociedade de corte, O processo civilizador*.

Brasil, uma biografia (2015), construída no formato de um grande manual de história do Brasil, o livro busca ao longo dos seus 18 capítulos, apresentar, de forma sintética, a trajetória da sócio-histórica da sociedade brasileira. Elaborado em um contexto social de certo otimismo com o Brasil e sua sociedade a obra possui um desfecho que aponta para a solidificação de certas premissas de ordem democrática no país. Este desfecho é prontamente rediscutido por Schwarcz e Heloísa Starling, co-autora da obra, em um pós-escrito adicionado ao texto original em 2018. Neste pós-escrito as autoras revêem, pode-se dizer o certo otimismo com Brasil, no que diz respeito, especialmente a solidificação da ordem e das premissas democráticas.

Sobre o autoritarismo brasileiro (2019), o retorno do que não foi, é cerne deste livro de Schwarcz. A volta de quem não foi seria o retorno do *ethos* autoritário, antidemocrático este sim muito bem solidificado na sociedade de nos processos de socialização do Brasil e que de fato nunca teria indo embora, como se havia imaginado em *Brasil: uma biografia* em sua primeira edição (algo repensado no pós-escrito de 2018). A já emblemática obra tem por base artigos publicados no *Nexo: Jornal* a partir de 2014. Lilia Schwarcz em *Sobre o autoritarismo brasileiro* percorre a trajetória da sociedade brasileira por meio de 8 eixos temáticos evidenciando como o autoritarismo é um elemento fundante e fundamental do Brasil.

Cinco obras, uma interpretação do Brasil?

A hipótese que aqui se apresenta indica que as cinco obras selecionadas ao serem observadas em suas individualidades se articulam em um conjunto que o oferece uma interpretação do Brasil. No intuito de sustentar a hipótese retomar-se-á alguns aspectos individuais de cada obra almejando evidenciar como cada uma colabora para a formação de um conjunto que traz a pessoa que os lê uma interpretação do Brasil.²

² A seção que se segue é versão modificada de extraída de várias comunicações anteriores: COSTA, Hilton. Não sejamos aquilo que desejem que sejamos In: IX Seminário Nacional Sociologia & Política, 2018, Curitiba. *Anais IX Seminário Nacional de Sociologia & Política*. 2018. v.1. p.1 – 13. Disponível em: http://e-democracia.com.br/sociologia/anais_2018/pdf/GT06-10.pdf; COSTA, Hilton. Elites

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Retrato em Branco e Negro (1987), *O espetáculo das raças* (1993), *As barbas do Imperador* (1998) possuem, em grande medida, objetos diferentes suas temáticas são aproximadas, porém distintas. Contudo, a observação em conjunto dos textos permite vislumbrá-las dentro de um mesmo esforço intelectual: perceber como as elites intelectuais e políticas pensaram, problematizaram e “construíram” o Brasil. A “construção” do Brasil aqui mencionada é pensada nos termos propostos por Pierre Bourdieu. Para Bourdieu

(...) a ciência social deve englobar na teoria do mundo social uma teoria do efeito de teoria na teoria do mundo social uma teoria do efeito de teoria que, ao contribuir para impor uma maneira mais ou menos autorizada de ver o mundo social, contribui para fazer a realidade desse mundo. (...) (BOURDIEU, P. 2008 p 82).

A indicação de Bourdieu remete que as teorias que explicam o mundo, colaboram também na construção deste mesmo mundo, de modo que a análise social não pode descartar esta situação. Schwarcz percebeu isso, não necessariamente via Bourdieu.

Retrato em Branco e Negro (1987) nasceu nos anos 1980, momento em que a sociedade brasileira passava um momento relevante: findava o regime autoritário que perdurou por 25 anos e a crise econômica devastava a vida social; todavia, concomitantemente era possível localizar certa esperança: as eleições presidenciais de

intelectuais imperiais: uma interpretação In: XIV Encontro Estadual de História da ANPUH-RS: Democracia, Liberdades e Utopias, 2018, Porto Alegre. *Democracia, liberdade e utopias. Anais [do] 14 Encontro Estadual de História da ANPUH-RS, Porto Alegre, 24 a 27 de julho de 2018 [e-book]*. Porto Alegre: ANPUH-RS, 2018. v.1. p.1 – 15. Disponível em: http://www.eeh2018.anpuh-rs.org.br/resources/anais/8/1530975786_ARQUIVO_Elitesintelectuaisimperiaistextocompleto.pdf

COSTA, Hilton. Não sejas o que lhe desejam que sejam In: I Seminário de Pensamento Social Brasileiro: Intelectuais, Cultura e Democracia, 2018, Vitória. *Anais I Seminário de Pensamento Social Brasileiro*. Vitória: 2018. v.1. p.181 – 190. Disponível em: https://netsib.ufes.br/sites/netsib.ufes.br/files/field/anexo/anais_i_seminario_de_pensamento_social_brasileiro.pdf; COSTA, Hilton. Um espetáculo em branco e preto: relações raciais na obra de Lilia Schwarcz In: X Seminário Nacional Sociologia e Política: América Latina hoje: rupturas e continuidades, 2019, Curitiba. *Anais X Seminário Nacional de Sociologia & Política: América Latina hoje: rupturas e continuidades*. Curitiba: 2019. p. 1 – 18. Disponível em: http://e-democracia.com.br/sociologia/anais_2019/pdf/GT07-03.pdf; COSTA, Hilton. Uma Coroa ao Sol: a Monarquia brasileira segundo Lilia Scwarcz In: XI Seminário Nacional Sociologia & Política: Intermitências da Democracia e Desigualdades Sociais, 2020, Curitiba. *Anais XI Seminário Nacional Sociologia & Política*. 2020. v.11. p.1 – 12. Disponível em <https://www.even3.com.br/anais/11snsp/235491-uma-coroa-ao-sol--a-monarquia-brasileira-segundo-lilia-schwarcz/>

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1989, as primeiras com voto direto em mais de duas décadas, eram vistas como o possível ingresso do Brasil numa era democrática mais duradoura; porém, os efeitos e o desfecho do primeiro mandato presidencial eleito pelo voto direto trouxeram inúmeras incertezas à sociedade brasileira. No que diz respeito à vida intelectual, vários e várias intelectuais retornam ao país no final dos anos 1970, após exílios forçados ou voluntários, e voltam a atuar. Neste contexto, é possível inferir que essas pessoas trazem de suas experiências fora do país não só novas leituras de uma bibliografia já conhecida no Brasil, como também apresentam novas autoras e novos autores. Esta ação permitiu a circulação de novas possibilidades teóricas e metodológicas, bem como a constituição de novos olhares para problemas seculares da sociedade brasileira. A escravidão, a presença negra e as relações raciais no Brasil são temas que foram diretamente atingidos por estes novos olhares.

Nesta direção, a Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP –, no que toca às temáticas citadas, ocupou e ainda ocupa lugar central. Esta universidade pode ser notada como um dos centros de irradiação, por exemplo, da leitura de Edward P. Thompson no Brasil. A UNICAMP não foi o único centro de leitura deste autor no país, todavia, nesta instituição houve certo encontro da discussão de Thompson acerca da formação da classe operária na Inglaterra com os estudos sobre o escravismo e as relações raciais no Brasil. Esta situação possibilitou a constituição de novos olhares para as referidas temáticas. A guinada nestes tipos de estudos está, sobretudo, no *insight*, oriundo dos escritos de Thompson, que não nega a agência da pessoa escravizada, bem como da pessoa oriunda do cativo. Inserido neste contexto *Retrato em Branco e Negro*, reconheceria a população negra e a escravizada na condição de agente, jogando com as possibilidades, mesmo que limitadas, de ação. Todavia, o intuito central do livro, segundo, Schwarcz:

No entanto, pelo menos no interior deste livro, como vimos, o que importa não é como discutir e optar pela qualificação do escravo como ‘dócil’ ou ‘rebelde’, como elemento ativo ou passivo no interior do movimento abolicionista, mas antes pensar a rebeldia, ou melhor, a forma como ‘se fala e representa’ a condição negra e a rebeldia. (SCWHARCZ, 1987, p 22).

Assim, Schwarcz oferece sua visão de como as elites intelectuais e políticas, em grande medida, criaram uma “realidade” brasileira. Diz a autora: “nessa trajetória como

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

veremos, os periódicos e os próprios jornalistas vão ganhando cada vez mais destaque, até se constituírem (nos termos irônicos de Lima Barreto) na ‘Onipotente imprensa, o quarto poder fora da Constituição.’” (SCHWARCZ, 1987 p 52-3). Os periódicos teriam a capacidade de “criar realidades” estas realidades seriam criadas segundo determinado referencial. Referencial que os próprios periódicos faziam circular. Por exemplo, as teorias raciais, mobilizadas para manter em um novo cenário as antigas premissas da sociedade brasileira. Esse tipo de discurso científico determinista que surge no final do século XIX prolifera também na imprensa da época. Para a autora a com “advento da igualdade formal, com a passagem do escravo a cidadão, parecem surgir novas concepções e estereótipos.” (SCHWARCZ, 1987 p 40). Essas “concepções” eram o “discurso determinista que surge no final do século XIX” para Schwarcz ele “prolifera (...) na imprensa da época. Nesta, a afirmação da inferioridade negra aparece não só nos grandes debates como também nas pequenas seções e nos diversos anúncios que compõe parte básica e cotidiana desses jornais. (SCHWARCZ, 1987 p 40).

A “naturalização” da suposta inferioridade negra se faz também com base na produção intelectual local como é possível notar em *O espetáculo das raças* (1993). Esta obra, como já mencionado, pode ser alocada em um conjunto de obras que visaram demonstrar que as ideias estavam no lugar, que as elites intelectuais não faziam só reproduzir ideias europeias, elas eram manuseadas com qualidade para responder a demandas empíricas dadas, resultando, portanto, em um pensamento original. O caso das teorias raciais seria exemplar de tal situação. Adesão a elas pelas elites brasileiras justamente no momento que o escravismo declinava não seria aleatório. A busca por esse ideário seria uma resposta a uma demanda específica que seria o possível aumento do mundo dos iguais. Lilia Schwarcz afirma então que

O que se pode dizer é que as elites locais não só consumiram esse tipo de literatura, como a adotaram de forma original. Diferentes eram os modelos, diversas eram as decorrências teóricas. Em meio a um contexto caracterizado pelo enfraquecimento e fina da escravidão, e pela realização de um novo projeto político para o país, as teorias raciais se apresentavam enquanto modelo teórico viável na justificação do complicado jogo de interesses que se montava. (SCHWARCZ, 1993, p 17-18)

E qual seria esse “complicado jogo de interesses”? Segundo a autora, “para além dos problemas mais prementes relativos à substituição da mão de obras ou mesmo à

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

conservação de uma hierarquia social bastante rígida, parecia ser preciso estabelecer critérios diferenciados de cidadania.” (SCHWARCZ, 1993, p 18). A manutenção bem nítida das diferenças sociais mesmo sob uma suposta igualdade formal seria o ponto de partida para a busca das teorias raciais por parte das elites brasileiras, todavia essas mesmas elites sabendo das implicações práticas de uma adesão mecânica a tais teorias vão reconstruí-las equilibrando – não sem contradições – “a aceitação da existência de diferenças humanas inatas e o elogio do cruzamento”. (SCHWARCZ, 1993, p 18). Em situações como esta surge o original do pensamento brasileiro oitocentista, porque mais do que copiar e ou copiar errado, as elites intelectuais reelaboram as teorias a sua maneira, para responder as suas questões específicas.

Lília Schwarcz vai às instituições de *sciencia* oitocentistas para nelas encontrar os *homens de sciencia*, no escopo da presente interpretação, tomados como as elites intelectuais. Os *homens de sciencia* foram concebidos pela autora, segundo o entendimento aqui adotado, como pessoas engajadas em definir os destinos do Brasil. Assim, mais do que “diagnosticar” os “males” da nação eles precisavam encontrar a prescrição do “remédio” para “curar” o país. Esse compromisso das elites intelectuais oitocentista seria uma marca fundamental da sua atuação e produção. Ao enfatizar o compromisso da intelectualidade oitocentista em “salvar” o Brasil, Schwarcz observa que isso teria que ser feito mantendo, em grande medida, as estruturas elementares da sociedade brasileira. Com efeito, a moderna *sciencia* deveria dar soluções para resolver os problemas locais, especialmente, solucionar o “atraso” brasileiro, sem romper com a tradição vigente pautada no *ethos* escravista, no patriarcado, no clientelismo, as hierarquias sociais deveriam ser preservadas.

As barbas do Imperador (1998) busca compreender as “construções” de Pedro II, as representações sociais do monarca. Para tal seria fundamental a compreensão desse processo seria fundamental o entendimento dos processos simbólicos.

É apenas na monarquia que a etiqueta alcança tal importância que a realidade e a representação confundem-se em um jogo intrincado. Nesse sistema em que o ritual não está só nos costumes mas consta das próprias leis, e em que a etiqueta não é secundária, porém parte fundamental do sistema, o que importa é *ver* o que o monarca *vê*. (SCHWARCZ, 1998 p 27)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Lilia Schwarcz, segundo se pode depreender até o momento, estrutura a argumentação em torno do quão fundamental seriam os elementos simbólicos ao regime monárquico. A produção de símbolos em torno da Monarquia brasileira, contra e a favor, obteve sucesso em fixar determinadas imagens (e ou ideias) na sociedade. De modo que a queda da Monarquia em novembro de 1889, a morte de Pedro II em dezembro de 1891 não puseram fim as imagens monárquicas, elas permaneceram. Schwarcz problematiza acerca do que permaneceu: a imagem da Monarquia ou do Monarca. Para a autora, segundo o entendimento aqui esposado, o que permanece é a imagem do Monarca. Seguindo a ideia da produção dos símbolos e da iconografia acerca da Monarquia e dos Monarcas emerge uma hipótese interessante. A iconografia mais divulgada dos dois imperadores do Brasil ratificou o filho, mais velho que o pai. A figura da pessoa velha de longas barbas brancas é rica de significados e de possibilidade de recepção. A imagem do homem de longas barbas brancas mobiliza os elementos religiosos, a ideia do pai, do protetor, do sábio, do provedor e mesmo quando essa imagem era para ser irônica, crítica ao velho cansado, poderia ser associada à figura do avô que em geral movimenta sentimentos de carinho e simpatia.

Haveria, dessa maneira, uma interpretação da imagem de Pedro II em torno das ideias daquele que cuida e, em alguma medida, provém o sustento, bem como daquele que disciplina, manda, comanda, decide, castiga, perdoa. Dom Pedro II fazia tudo isso? Ele podia fazer tudo isso? Roderick Barman permite visualizar com bastante nitidez o uso que Pedro II fazia das premissas constitucionais atribuídas ao poder moderador, exemplo nítido disso era constante troca de gabinetes. (BARMAN, 2012). Esta ação muito criticada à época e posteriormente como sinal do absolutismo real, era justamente o fator de estabilidade do regime, a alternância entre o Partido Liberal e o Conservador só foi possível mediante a ação do poder moderador.

Os estudos, notadamente, os mais recentes, acerca do II Reinado tendem a indicar que apesar da presença do poder moderador, Pedro II governava de maneira muito mais “republicana” do que seus críticos afirmavam. A imagem bastante aflorada na contemporaneidade de um Pedro II na condição de um governante que tudo decide, sem se enganar, que representa tudo aquilo que o país quer e deseja aquela pessoa que faz e não fica a “perder” tempo com “falatórios”, não necessariamente corresponde a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

aquilo que evidência empírica revela. Entre a prática e a representação existe um universo imenso de possibilidades e realidades. É neste ponto que *Sobre o autoritarismo brasileiro* (2019) entra em cena conjuntamente com *Brasil: uma biografia* (2015), em ambas as obras, notadamente na segunda, Schwarcz indica, com mais nitidez, a presença de certo *ethos* autoritário na sociedade brasileira, *ethos* esse advindo, em grande medida, do escravismo e que a ele transcendeu chegando até a contemporaneidade. Este *ethos* autoritário seria o responsável por sustentar a imagem de um Pedro II na condição do governante que tudo decide.

Das especificidades das 5 obras surgem quando tratadas em conjunto premissas de uma interpretação do Brasil. A compreensão do Brasil passaria pelo entendimento da “naturalização” da suposta inferioridade negra, algo passível de ser entendido como inaptidão do próprio povo brasileiro para a civilização, de modo que este povo só funcionaria se tutelado, conduzido com a força da “autoridade”, pelo entendimento da adoção da moderna *sciencia*, mas sem romper com a tradição pautada no *ethos* escravista, no patriarcado, no clientelismo, as hierarquias sociais deveriam ser preservadas. Com efeito, não se compreende o Brasil sem entender o processo de socialização que criou e perpetua o *ethos* autoritário.

Viagem ao Brasil profundo, o autoritarismo como herança

Manoel Bomfim em sua obra *América Latina: males de origem* propôs algumas chaves interpretativas das mais interessantes para pensar o Brasil. No referido texto figuram a noção de parasitismo social, de hereditariedade. (BOMFIM, 1993). Bomfim procura sustentar que o “problema” da América Latina, e conseqüentemente do Brasil, não era de “raça” como se dizia à época (e ainda vigora, em certa medida, com outras roupagens), mas sim de socialização – a transmissão de determinada herança social. Cerca de três décadas antes da publicação de *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, Bomfim já denotava que a explicação e ou a interpretação do Brasil deveria passar pelos processos de socialização que definiram o *ethos* da sociedade brasileira. (HOLANDA, 1995). Em síntese Bomfim argumenta que o eixo da socialização brasileira, mesmo antes do Brasil ser Brasil, estava no parasitismo social, na sociedade

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

brasileira fazia-se (e ainda se faz?) todo o possível para se viver à custa de outrem e isso é transmitido de geração para geração no processo de socialização concomitante aos mecanismos que fazem tal situação possível, o *ethos* escravista.

A viagem ao Brasil profundo, seguindo as sugestões de Schwarcz, presentes nas obras aqui investigadas, tem início no começo de ocupação da região hoje denominada de Brasil pelos portugueses. A empresa lusa nas Américas teve como base fundamental a escravidão. E como anotado com pertinência por Eric Foner, nas Américas, a escravidão foi mais que uma forma de trabalho e produção de mercadorias. “Nas Américas, em particular, a escravidão na grande lavoura foi ao mesmo tempo um sistema de trabalho, um modo de dominação racial e a base para o surgimento de uma classe dominante bem caracterizada.” (FONER, 1988, p. 17).

Do sistema social formado a partir do escravismo no Brasil, Schwarcz denota o seguinte:

A escravidão nos legou uma sociedade autoritária, a qual tratamos de reproduzir em termos modernos. Uma sociedade acostumada com hierarquias de mando, que usa de uma determinada história mística do passado para justificar o presente, e que lida muito mal com a ideia da igualdade. (SCHWARCZ, 2019 p 35).

A chave interpretativa estaria aqui “a escravidão nos legou uma sociedade autoritária, a qual tratamos de reproduzir em termos modernos.” O surgimento, o desenvolvimento e, substancialmente, a permanência do mandonismo no Brasil se vincularia às bases escravistas da sociedade, por um lado, e de outro, ao latifúndio (que nasceu conjuntamente ao escravismo e a ele transcendeu), marca essencial da construção do país. A figura do ou da proprietária do latifúndio foi consagrado o poder definitivo dentro “suas terras”. Assim, a administração privada da propriedade rural transcendeu a dinâmica da produção rural chegando à gestão da vida social íntima das pessoas envolvidas nesta atividade e criando, ainda padrões de mando que se estenderam à gestão da vida pública. A aceitação combinada a imposição desta forma de gestão pela sociedade, aclamou o grande proprietário, a grande proprietária rural como senhoras e senhores da vida social, inclusive para além do mundo rural. Este tipo de autoridade permanece intocado no Brasil, uma vez que ele combina a força econômica

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

com a política, com a infraestrutura cultural – o patriarcado, sobretudo. A presença do patriarcado na infraestrutura cultural pode ser atribuída ao processo de formação da América portuguesa que daria origem a o Brasil. A ideia do *pater familias* todo poderoso pode ter atravessado o oceano Atlântico a bordo dos navios lusitanos desembarcando na América. Contudo, desenvolvimento do patriarcado em sua versão brasileira tem vínculos fortes com o modelo de sociedade e de socialização advindos do escravismo, do latifúndio escravista, do mundo criado a partir da grande propriedade rural. Um adendo importante: o modelo de patriarcado brasileiro ao encontrar e se estabelecer na vida política alimenta a figura das “salvadoras” ou dos “salvadores”, seres “iluminados” que “sabem” o que fazem, portanto, pessoas que devem ser obedecidas.

O autoritarismo herdado do escravismo poderia ter se dissipado com o fim do regime escravocrata, todavia a sociedade brasileira se portou bem e não “gastou” toda a sua herança, não se desfez dela, pelo contrário, investiu nela. E isso foi possível, porque os processos de socialização se encarregaram transmitir o autoritarismo de geração a geração, incrustando-o na infraestrutura cultural brasileira. Isso se revela, por exemplo, quando se propõe ou se tenta romper com a forma de mando usual advinda do modelo do *pater familias* sugerir abrir espaços efetivamente iguais para mulheres, para LGBTQIA+ cria de pronto intensas reações. Reações não só nos chamados grupos dominantes, mas na sociedade como um todo, de ponta a ponta. O verdadeiro pavor presente na sociedade brasileira de um “mundo mais igual” pode ser observado nas ações violentas às medidas de equidade, seja a violência simbólica, seja a violência física. Esta violência é mobilizada almejando reafirmar a autoridade, o autoritarismo. A equação da sociedade brasileira seria algo da seguinte ordem: a sociedade está assentada em premissas hierarquias, praticamente estamentais, formadas no escravismo; o padrão de mando é constituído na ordem privada, da família, em assim sendo, a gestão da coisa pública, o exercício da política como assunto de família nada mais é que uma consequência no mínimo lógica. (SCHWARCZ, 2019 p 82).

Considerações finais

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A viagem ao Brasil passível de ser observada ao se tomar as obras de Schwarcz em conjunto vai da construção da imagem do povo brasileiro pelas elites intelectuais e políticas, um povo incompleto, indesejável, por vezes desprezado (inclusive pelo próprio povo). Deste tipo construção emerge a ideia de um povo que precisa ser tutelado, controlado com mão de ferro. A força e a eficiência desta interpretação são bastante verificáveis ao se observar como esta visão de mundo transcendeu as camadas dominantes sendo, em grande medida, incorporada pelos setores dominados. A transmissão destas situações discutidas pela autora em *Retrato em Branco e Negro* (1987), *O espetáculo das raças* (1993) socialização autoritária de base escravista é algo observável em *As barbas do imperador* (1998), *Brasil, uma biografia* (2015), *Sobre o autoritarismo brasileiro* (2019).

A sociedade brasileira teve a sua disposição vários momentos para romper com de fato com o *ethos* autoritário, a emancipação política de Portugal, o fim do escravismo, a Proclamação da República, o fim do Estado Novo, a Constituição de 1988, para citar alguns. Contudo, a opção sempre foi a de não romper com a tradição, mas sim a de readequar as antigas premissas as necessidades de cada momento. Não se usou a tradição no sentido sugerido por Theodor Adorno – algo a se conhecer para dali avançar; a tradição foi cultivada mais próxima ao sentido indicado por Arno Mayer: adota-se tudo o que é novo para manter o antigo. (ADORNO, 2012; MAYER, 1987). E as pessoas seguem desta forma, sendo socializadas, em essência, dentro das premissas do machismo, do sexismo, do racismo, patrimonialismo, clientelismo, da aversão a equidade nos mais diferentes ambientes. A longa viagem ao Brasil passível de ser vislumbrada na obra de Lilia Schwarcz não conduz a viajante, o viajante aos trópicos deslumbrantes, de Pero Vaz de Caminha ou de Affonso Celso, mas também não conduz necessariamente aos tristes trópicos de Claude Levi-Strauss. (LEVI-STRAUSS, 1996). A extensa viagem leva as viajantes, os viajantes a um lugar muito parecido com a Sicília de Lampedusa o lugar onde tudo muda para que tudo permaneça como está. (LAMPEDUSA, 2003).

Referências

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ADORNO, Theodor. Em memória de Eichendorff. In: *Notas de Literatura I*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2012.

BARMAN, Roderick J.. *O imperador cidadão*. São Paulo: Unesp 2012.

BOMFIM, Manoel. *América Latina, males de origem*. 4. Ed.. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar o que dizer*. 2.ª Ed.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

COSTA, Hilton. Não sejamos aquilo que desejem que sejamos In: IX Seminário Nacional Sociologia & Política, 2018, Curitiba. *Anais IX Seminário Nacional de Sociologia & Política*. 2018. v.1. p.1 – 13. Disponível em: http://e-democracia.com.br/sociologia/anais_2018/pdf/GT06-10.pdf

_____. Elites intelectuais imperiais: uma interpretação In: XIV Encontro Estadual de História da ANPUH-RS: Democracia, Liberdades e Utopias, 2018, Porto Alegre. *Democracia, liberdade e utopias. Anais [do] 14 Encontro Estadual de História da ANPUH-RS*, Porto Alegre, 24 a 27 de julho de 2018 [e-book]. Porto Alegre: ANPUH-RS, 2018. v.1. p.1 – 15. Disponível em: http://www.eeh2018.anpuh-rs.org.br/resources/anais/8/1530975786_ARQUIVO_Elitesintelectuaisimperiaistextocompleto.pdf

_____. Não sejas o que lhe desejam que sejam In: I Seminário de Pensamento Social Brasileiro: Intelectuais, Cultura e Democracia, 2018, Vitória. *Anais I Seminário de Pensamento Social Brasileiro*. Vitória: 2018. v.1. p.181 – 190. Disponível em: https://netsib.ufes.br/sites/netsib.ufes.br/files/field/anexo/anais_i_seminario_de_pensamento_social_brasileiro.pdf

_____. Um espetáculo em branco e preto: relações raciais na obra de Lilia Schwarcz In: X Seminário Nacional Sociologia e Política: América Latina hoje: rupturas e continuidades, 2019, Curitiba. *Anais X Seminário Nacional de Sociologia & Política: América Latina hoje: rupturas e continuidades*. Curitiba: 2019. p. 1 – 18. Disponível em: http://e-democracia.com.br/sociologia/anais_2019/pdf/GT07-03.pdf

_____. Uma Coroa ao Sol: a Monarquia brasileira segundo Lilia Scwarcz In: XI Seminário Nacional Sociologia & Política: Intermitências da Democracia e Desigualdades Sociais, 2020, Curitiba. *Anais XI Seminário Nacional Sociologia & Política*. 2020. v.11. p.1 – 12. Disponível em <https://www.even3.com.br/anais/11snsp/235491-uma-coroa-ao-sol--a-monarquia-brasileira-segundo-lilia-schwarcz/>

_____. Uma longa viagem ao Brasil: Lilia Schwarcz intérprete do Brasil. Comunicação apresentada no 20.º Congresso Brasileiro de Sociologia, Comitê de Pesquisa 20, *Pensamento Social*, de 12 a 17 de julho de 2021 – UFPA.

FONER, Eric. *Nada além da liberdade: a emancipação e seu legado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Brasília: CNPq, 1988.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAMPEDUSA, Giuseppi Tomasi di. *O Leopardo*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

MAYER, Arno J.. *A força da tradição*. A persistência do antigo regime 1848-1914. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

POCOCK, John G. A.. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: Edusp, 2003.

REIS, Dennys Silva; BAGNO, Marcos. Os intérpretes e a formação do Brasil: os quatro primeiros séculos. In: *Cad. Trad.*, Florianópolis, v. 36, nº 3, p. 81-108, set.-dez./2016.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. *Retrato em Branco e Negro: Jornais, escravos e cidadania em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

_____. (1993). *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras.

_____. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II um monarca dos trópicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. *O Império em procissão: ritos e símbolos do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____; STARLING, Heloísa. (2016). *Brasil: uma biografia - Caderno de atividades: resumos, atividades propostas e conceitos*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

_____. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: _____ (2008). *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34.